

Piadas de
adolescentes:
jogos da e
na língua*

Elizabeth dos Santos Braga**

Abstract

Based on some concepts developed by authors of French school of Discourse Analysis, this paper considers jokes as social practices. We focus on jokes typically used by teenagers, trying to articulate in the analysis language in functioning, positions, conditions of production and senses.

*Uma anedota é como um fósforo:
riscado, deflagrada, foi-se a serventia.*

*Mas sirva talvez ainda a outro
emprego a já usada, qual mão
de indução ou por exemplo
instrumento de análise, nos tratos
da poesia e da transcendência.*

Guimarães Rosa

* Uma versão preliminar deste texto foi apresentada no II Congresso Nacional da Associação Brasileira de Linguística, em fevereiro de 1999.

** Doutoranda da Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Bolsista CNPq. E-mail: ebraga@obelix.unicamp.br

Considero pertinente começar este texto explicitando algumas condições de sua produção. Tendo como ponto de ancoragem a educação em confluência com a psicologia, nossa perspectiva de análise privilegia o discurso como centro das investigações e considera o psiquismo humano como constituído na história, nas práticas sociais, que são permeadas pelo discurso. Nossas interlocuções com a lingüística têm ajudado a apurar aspectos teóricos (quanto à compreensão do funcionamento do discurso e de especificidades sobre a língua e a linguagem) e metodológicos (quanto ao modo de olhar e analisar o discurso e suas relações com a ideologia, contribuindo especialmente para tanto a Análise do Discurso).

Explicitadas essas condições, esboça-se uma outra questão: por que este tipo de material em Análise do Discurso? Concordo, então, com Possenti (1998) na sua defesa das piadas como material privilegiado para as análises lingüísticas em geral e a Análise do Discurso em particular. Com o objetivo de articular o lingüístico com o sócio-histórico, dois conceitos tornam-se nucleares para a AD¹: ideologia e discurso. Sobre essa articulação que remonta a Bakhtin (1992), Pêcheux considera que se deva conceber o “[...] discursivo como um dos aspectos materiais do que chamamos de materialidade ideológica” (Pêcheux e Fuchs, 1975 *in* Gadet e Hak, 1997, p. 166). Embora essas duas instâncias permeiem qualquer enunciado, nas piadas elas parecem entrecruzar-se de forma mais intrincada e marcante. Possenti (1998) comenta que as piadas apresentam temas socialmente controversos, estereótipos, veiculam discursos proibidos, além de fornecerem elementos para teorias lingüísticas por exibirem um domínio da língua de alguma forma complexo. O autor aponta a validade deste material para que se defendam teses contrárias à concepção da língua como código (uma vez que veiculam um discurso indireto), teses da ambigüidade ou do equívoco produzidos pela linguagem e, no caso específico da AD, sobre a relevância das condições de produção, uma vez que os discursos exigem um “solo” e regras que expliquem por que um enunciado pode ocorrer ou não, dependendo da circunstância.

Piadas parecem constituir um tipo de *corpus* que vem reafirmar a posição de Foucault (1996, 1997) contra a noção de sujeito fundador e de unidade do sujeito. Para ele, o discurso não é atravessado pela unidade do sujeito, mas pela sua dispersão. As diversas “modalidades de enunciação” manifestam a dispersão do sujeito (nos diversos lugares, posições que ocupa ou recebe quando exerce um discurso). Foucault (1997) propõe deixar em suspenso as unidades do livro e da obra do autor. “É que as margens de um livro jamais são nítidas nem rigorosamente determinadas: [...] ele está preso em um sistema de remissões a outros livros, outros textos, outras frases: nó em uma rede” (*id. ibid.*, p. 26). E só aparentemente é mais fácil demarcarem-se as fronteiras da obra. A piada, por si só, já é mais fluida, com “margens” menos determinadas ainda que as do livro. Ele propõe fugir das unidades e agrupamentos familiares e buscar a “*descrição dos acontecimentos discursivos*”, como forma de “[...] compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações

1 Uso a conhecida abreviatura para a Análise do Discurso em sua vertente francesa.

com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui” (*id. ibid.*, p. 31).

Possenti (1998) atenta para outra questão tratada por Bakhtin e Foucault: a questão da autoria – papel atribuído a uma subjetividade que seria responsável pela unidade e sentido dos textos – que não funciona como critério para a interpretação das piadas. Estas não têm autor e podem, segundo Possenti, evidenciar a existência de discursos ditos, sem que sua origem seja relacionada a um indivíduo. Estas questões são convergentes, também, com relação às idéias de Pêcheux, de que o sentido e o sujeito não são dados *a priori*, mas são constituídos no discurso. O sujeito, para esse autor, é descentrado, determinado pela ideologia e pelo inconsciente e o sentido, determinado pelas condições da enunciação, pelas posições ideológicas (Pêcheux, 1969; Pêcheux e Fuchs, 1975 *in* Gadet e Hak, 1997). Estas determinações são “esquecidas” pelo sujeito que julga ter autonomia quanto a sua consciência e seu discurso e estar na *fonte do sentido* (ilusão necessária) (Pêcheux e Fuchs, 1975 *in* Gadet e Hak, 1997; Authier-Revuz, 1982 *apud* Maingueneau, 1997b).

Segundo Foucault, é preciso descrever a dispersão buscando as “regras de formação”, isto é, as regras do estabelecimento dos discursos que determinam a “formação discursiva”. Sua análise permite que se passe da dispersão à regularidade. Analisando piadas como redes de enunciados em que se entrecruzam diferentes “formações discursivas” (Foucault, Pêcheux) e levando-se em conta certas “condições de produção” (Pêcheux, Courtine) destes enunciados, poderemos estar contribuindo para a compreensão de mecanismos próprios do funcionamento desses discursos, mecanismos lingüísticos de discursos em geral, numa abordagem que privilegia uma noção da história enquanto ruptura e descontinuidade (Foucault, 1997). “Nesta perspectiva, não se trata de examinar um corpus como se tivesse sido produzido por um determinado sujeito, mas de considerar sua enunciação como o correlato de uma certa *posição* sócio-histórica na qual os enunciadores se revelam substituíveis” (Maingueneau, 1997a, p. 14).

Considerando as piadas enquanto práticas sociais, em que se articulam a língua, posições, condições de produção, sentidos... arrisco, neste terreno de intenso trabalho de linguagem, um metatrabalho. Escolhi piadas do tipo das que se baseiam num jogo de respostas inesperadas para o ouvinte e num jogo com as palavras. Trata-se de textos orais e tipicamente veiculados entre adolescentes. Constituem variações em torno de um mesmo *ponto*, provocando riso pelo absurdo, pela simplicidade, pelo ridículo ou pelo trabalho que se opera com a palavra.

1)

—O que é um pontinho verde atrás da porta?

—...

—Uma ervilha de castigo.

2)

—O que é um pontinho metálico no gramado?

—...

—Uma formiga de aparelho.

3)

—O que é um pontinho branco na esquina?

—...

—Aspirina prostituta.

As piadas geralmente mostram-se excelente material para ultrapassar as visões estruturalistas da língua como código, como *um* sistema, com a tarefa exclusiva de produzir informação. Assumindo que a relação entre significante e significado não é transparente, nem de representação exata, nem natural, nem eterna (Possenti, 1997), gostaria de chamar a atenção, nas três piadas acima, para a produção de “efeitos de sentido”². No caso das piadas (1) e (3), podemos dizer que trazemos *scripts* que relacionam ficar “atrás da porta” com criança “de castigo” e “prostituta” com ficar na “esquina”. São *scripts* no âmbito das práticas humanas. O humor é produzido pela desorganização nos *scripts* que trazemos com a concomitante produção ou flutuação do sentido, na junção da forma pedida na pergunta (pontinho = coisa pequena e redonda) e da situação apresentada na resposta: “ervilha de castigo” e “aspirina prostituta” (ervilhas não costumam ficar atrás da porta, ainda mais de castigo; nem aspirinas na esquina, muito menos prostituindo-se!). Na piada (2), o impacto parece ser menor, já que a *quebra de script* abrange somente a resposta: “formiga de aparelho” (formigas em gramados não é algo estranho). Nas três piadas, os “efeitos de sentido” são produzidos em decorrência da enunciação. A AD combate a idéia de imanência do sentido. “O sentido não é apenas a contraparte do significante, ele é um efeito do aparecimento do significante em condições dadas” (Possenti, 1997). Além das condições de produção embutidas nos *scripts* mencionados (com os implícitos relacionados a elementos da cultura ou do conhecimento do mundo físico – prostitutas costumam ficar em esquinas, formigas não têm dentes etc. – sem os quais as piadas não teriam graça), é o próprio texto que comanda a leitura e impõe uma leitura única. O efeito de sentido produzido então é o responsável pela graça, aglutinando o absurdo e fatos do cotidiano. Segundo Possenti (1998), “[...] o discurso humorístico, embora não só ele, não está interessado em manter relações de significação num mesmo sistema de referência, sendo, aliás, a justaposição de mais de um deles uma fonte freqüente desse tipo de efeito de sentido” (p. 76).

Nas piadas que se seguem (como em qualquer texto ou enunciação) também podem-se observar os efeitos de sentido, mas aparecem novos elementos para a análise:

4)

— O que é um pontinho amarelo na beirada do último andar de um edifício?

—...

— Um fandango suicida.

5)

— O que é um pontinho amarelo no oceano?

—...

— A batata da onda.

2 Noção proposta por Pêcheux, em seu texto de 1969 já citado, para substituir a de sentido como mensagem codificada.

Embora já pudesse ser mencionada nas piadas anteriores, nestas a interdiscursividade está mais evidente. Ambas as piadas fazem referência a salgadinhos muito apreciados atualmente por crianças e adolescentes (não sem uma *ajudazinha* dos meios de comunicação): *Fandangos* e *Ruffles*. O slogan “a batata da onda” refere-se ao segundo tipo (em forma de paráfrase). São discursos (dos próprios adolescentes, de seus amigos, da TV, dos *outdoors* etc.) que fazem parte da memória discursiva e que atravessam, aqui, o intradiscurso. Inclusive, são inúmeras as piadas de fandango (que está até grafado com letra minúscula: fandango tornou-se substantivo comum). “De forma mais geral, a toda formação discursiva é associada uma *memória discursiva*, constituída de formulações que repetem, recusam e transformam outras formulações” (Maingueneau, 1997a, p. 115). A remissão às formulações anteriores faz lembrar o que Foucault (1997) diz a respeito do enunciado como “acontecimento estranho”, cuja existência permanece no campo de uma memória: é único, mas aberto a repetição, transformação, reativação; ligado a outros enunciados que o precedem e o seguem.

A presença de outros discursos (da mídia, de um tipo de alimentação, da adolescência etc.) nos faz pensar em uma propriedade fundamental da linguagem reiterada pela AD: a heterogeneidade constitutiva. Esta propriedade aponta para a presença do *outro* no discurso. De acordo com Authier-Revuz (*apud* Maingueneau, 1997b), trata-se aqui de uma “heterogeneidade mostrada”, uma vez que a presença de outro(s) discurso(s) no intradiscurso se faz de forma mais marcada. Acerca desta propriedade, Pêcheux já antecipava: “[...] o processo discursivo não tem, de direito, início: o discurso se conjuga sempre sobre um discurso prévio, ao qual ele atribui o papel de matéria-prima, e o orador sabe que quando *evoca* tal acontecimento, que já foi objeto de discurso, ressuscita no espírito dos ouvintes o discurso no qual este acontecimento era alegado, com as ‘deformações’ que a situação presente introduz e da qual pode tirar partido” (Pêcheux, 1969 *in* Gadet e Hak, 1997, p. 77).

Pode-se dizer que a piada (5) é uma *pegadinha*, pois, após as sucessivas “piadas de fandango”, este passou a ser sinônimo de “pontinho amarelo” (tornando-se um pré-construído para os usuários desse tipo de piadas). O humor, nesse caso, decorre mais uma vez da quebra do novo *script*, somando-se a isto o fato de tratar-se de um salgadinho *rival*.

Outro aspecto a ser considerado é uma característica que diz respeito a qualquer discurso e que é particularmente aguçada nas piadas do tipo *pegadinhas*. Trata-se do que Courtine (1981 *apud* Brandão, 1997) denomina “domínio de antecipação” – uma das formas de organização das seqüências discursivas do texto. Embora as duas piadas também ilustrem os outros dois domínios apontados por Courtine – “domínio de memória” e “domínio de atualidade” –, elas nos ajudam a visualizar bem a questão das relações interpretáveis no intradiscurso por efeitos de antecipação (o que mostra o caráter aberto da relação entre uma seqüência discursiva e seu exterior). O fato do discurso se tecer sempre a partir de um outro discurso

[...] implica que o orador experimente de certa maneira o lugar de ouvinte a partir de seu próprio lugar de orador: sua habilidade de imaginar, de preceder o ouvinte é, às vezes, decisiva se ele sabe prever, em tempo hábil, onde este

ouvinte o “espera”. Esta antecipação *do que o outro vai pensar* parece constitutiva de qualquer discurso, através de variações que são definidas ao mesmo tempo pelo campo dos possíveis da patologia mental aplicada ao comportamento verbal e pelos modos de resposta que o funcionamento da instituição autoriza ao ouvinte [...] (Pêcheux, 1969 in Gadet e Hak, 1997, p. 77-78).

As piadas seguintes (6 a 11) constituem outras formas de trabalho com a palavra, ou operações epilingüísticas.

- 6)
—O que é um pontinho vermelho na lagoa?
—...
—Um jacared.
- 7)
—O que é um pontinho azul no céu?
—...
—Um urublue.

As piadas do tipo das (6) e (7) envolvem a questão da tradução. Aqui, é necessário um conhecimento prévio, ainda que pouco abrangente. Cores em inglês são ítems em geral conhecidos por adolescentes, mais especificamente os escolarizados. Uma das condições de produção desse tipo de piada diz respeito ao lugar ocupado pelo inglês como língua dominante nos diversos meios sociais e particularmente nos escolares. Entre adolescentes, dificilmente piadas que brinquem com outras línguas, como o italiano, o francês, o espanhol, serão veiculadas atualmente (há trinta anos atrás, eram comuns piadas que envolviam coincidências com o francês).

Numa análise estritamente lingüística, observa-se que foram produzidas pequenas alterações nas palavras, de forma que uma de suas partes, que não é outra palavra, passe a sê-lo (só que em outra língua). Poder-se-ia aplicar o método da comutação (no caso, bilíngüe). São formas de trabalho a serem operadas nos textos (e exigidas pelos mesmos) para que os efeitos de sentido esperados se produzam e eles tornem-se piadas.

Nas piadas seguintes observamos outro tipo de operações epilingüísticas:

- 8)
—O que é um pontinho amarelo na estrada?
—...
—Uno Milho.
- 9)
—O que é um pontinho amarelo que bate em todo mundo?
—...
—Jean Claude Fandango.
- 10)
—O que é um pontinho branco na estrada?
—...
—Um arroz rice.

Pode-se dizer que há aqui aproximação de significantes – “Mille”... “Milho”, “Van Dame”... “Fandango” e “Rolls Royce”... “arroz rice” (piadas 8 a 10) –

para produzir efeitos de sentido que façam rir. Mas o riso não se encontra unicamente no sentido produzido, mas também na comparação entre estas seqüências, no âmbito do significante, e no que elas evocam (que faz parte da memória discursiva). Rimos dos significantes; rimos dos significados. Como comenta Possenti (1998), “[...] as análises de tais materiais só se sustentam pela hipótese da união indissolúvel do significante e do significado” (p. 107).

11)

— *O que é um pontinho preto no milharal?*

— ...

— *Emílio Santiago.*

Poder-se-ia chamar esta piada de fonológica, pela qualidade do trabalho que opera na língua. Ela torna-se piada pela possibilidade de duas leituras – “Emílio” e “É milho” – e pela escolha da segunda leitura, quando ocorre a segmentação, possibilitada pela proximidade fônica de “lho” e “lio” (este último no final de palavras paroxítonas). Esta segmentação está também baseada em uma “diferença de saliência fônica” (Possenti, 1998), uma vez que a segunda leitura se faz pela diferença possível de acento em [Êmílio] e [Émílio], e na mudança da pronúncia da vogal (aberta para fechada).

Há também a necessidade do conhecimento prévio de que Emílio Santiago é negro. Nesse ponto, há um interdiscurso com o elemento de uma formação discursiva racista, muito comum em piadas. Possenti (1998) comenta que o humor nem sempre é crítico (um dos lugares-comuns sobre piadas), pelo contrário; pode ser extremamente reacionário, quando traz um discurso que veicula preconceitos.

Nas piadas tentativamente analisadas (1 a 11), podem-se observar vozes que penetram os intradiscursos: vozes da infância (castigo), da adolescência (aparelho), do discurso proibido (prostituta), da mídia (*slogan*, nomes de artista e carros)... Também observam-se vozes que evocam competição (marcas de produtos de empresas multinacionais) e conflito social (racismo)... Vozes permeadas por outras vozes, outros discursos... Pensamos no dialogismo como condição constitutiva do sentido e da linguagem, na noção bakhtiniana de “polifonia” e em como, também nestas piadas, umas vão sendo respostas às outras, todas povoadas por vozes de outros. Há, então uma “heterogeneidade constitutiva” na construção do discurso, num debate constante com a alteridade; em alguns momentos na forma de uma “heterogeneidade mostrada”, como no caso do *slogan*, dos nomes próprios. Discursos constitutivamente formados, revelando diferentes posições que, por sua vez, flagram a presença de outros.

Tudo num trabalho da/na palavra, que diverte quando está sob a forma de piada:

12)

— *O que é um pontinho verde no castelo?*

— ...

— *Pimenta-do-reino.*

“Talvez se ria da própria língua, não porque ela não teria as virtudes que se suporia que deveria ter (porque falha), mas porque nos propicia agradáveis coincidências e descobertas” (Possenti, 1998, p. 90).

E as piadas não produzem somente o riso, mas o incômodo, o desconcerto, a descoberta de um vazio. Como nos aponta Guimarães Rosa (1985), no primeiro prefácio ao “Tutaméia”, as piadas “colidem com o não-senso [...] e o não-senso, crê-se, reflete por um triz a coerência do mistério geral, que nos envolve e cria” (p. 8), deflagram a “irrealidade existencial”, “a estática angústia”, “o erro absoluto”, “o nada residual”.

As piadas, assim como os chistes analisados por Freud, deflagram o inconsciente, o trabalho com a palavra, o trabalho da língua no sujeito.

13)

— *O que é um pontinho preto no fim de um texto?*

— *Aqui, é o ponto final mesmo.*

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. (VOLOCHINOV, V. N.). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 6.ed. Tradução de Michel Lahud et al. São Paulo: Hucitec, 1992.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à Análise do Discurso*. 6.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 3.ed. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. *Arqueologia do saber*. 5. ed. Tradução de Luiz Neves. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 1997.

GUIMARÃES ROSA, João. *Tutaméia: Terceiras histórias*. 8. ed. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1985.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Tradução de Freda Indursky. 3. ed. Campinas : Pontes, 1997a.

_____. *Os termos-chave da análise do discurso*. Tradução de Maria Adelaide P. P. Coelho da Silva. Lisboa : Gradiva, 1997b.

PÊCHEUX, Michel. (1969). Análise automática do discurso. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Bethania S. Mariani et al. 3. ed. Campinas : Editora da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. (1975). A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Bethania S. Mariani et al. 3. ed. Campinas : Editora da Unicamp, 1997.

POSSENTI, Sírio. Sobre as noções de sentido e de efeito de sentido. (Versão revisada do texto:) Notas sobre a noção de efeito de sentido. *Estudos lingüísticos: Anais de Seminário do GEL*. XXVI. Campinas, Unicamp-FAPESP-GEL, 722-727, 1997.

_____. *Os humores da língua: análises lingüísticas de piadas*. Campinas : Mercado de Letras, 1998.